

Aulas de música em tempos de pandemia: relato de duas experiências em escolas de Educação Básica nas cidades de Brasília/DF e Belo Horizonte/MG

GTE 12 - Ensino de música nas escolas de Educação Básica

Comunicação

Andréa Matias Queiroz
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
andreamq@ufmg.br

Thiago Amaral Santos
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
thiagoas@ufmg.br

Renato Tocantins Sampaio
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
renatots@musica.ufmg.br

Resumo: A Pandemia da Covid-19, identificada no ano de 2020 e que se estende até o presente momento, gerou incontáveis impactos na sociedade e na vida das pessoas. Tais mudanças também geraram novas concepções sobre a educação e, conseqüentemente, sobre o ensino de música nas escolas de Educação Básica. Assim, este texto tem como objetivo discutir o papel da afetividade nas aulas de música durante a pandemia por meio de dois relatos de experiências em duas escolas de Educação Básica, localizadas nas cidades de Brasília/DF e Belo Horizonte/MG, buscando refletir, por meio da experiência, sobre o papel da afetividade nesse processo de ensino e de aprendizagem da música.

Palavras-chave: Ensino remoto; Música na escola; Ensino de música em tempos de pandemia.

Introdução

Esse texto tem como objetivo relatar duas experiências vivenciadas em aulas de música ministradas em duas escolas de Educação Básica da rede privada localizadas nas cidades de Brasília/DF e Belo Horizonte/MG. A ideia deste relato de experiência surgiu a partir de uma disciplina da Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, ministrada pelo professor Dr. Renato Sampaio, como fruto de inúmeras conversas e reflexões sobre as experiências dos autores em relação às suas vivências e

atuações como professores de música nas duas cidades citadas. Além de estarem cursando a Pós-Graduação (Doutorado e Mestrado) e atuando como professores de música da Educação Básica, os autores também compartilham o interesse de compreender como ocorre o ensino da música no modo remoto e o seu papel no processo de aprendizagem musical e na formação humana das crianças.

Tendo em vista este interesse comum, surgiu a necessidade de refletir acerca do tema e da sua prática nos dois contextos de atuação dos autores. Assim, este relato de experiência busca discutir algumas concepções acerca do ensino de música no modo remoto, bem como apresentar dois contextos de atuação distintos onde se buscou uma aproximação com a realidade dos alunos ou adequação do ensino de música para atender as necessidades decorrentes da pandemia da COVID-19 de 2020/2021.

Aulas de música em tempos de pandemia

A escrita e publicação deste texto ocorre em meio ao segundo ano da pandemia mundial da Covid-19, que gerou inúmeros impactos em diferentes setores da sociedade, dentre eles o setor educacional, cujos impactos são inestimáveis. Esse novo cenário de incertezas e isolamento social fez com as escolas tivessem que tomar medidas emergenciais para dar continuidade ao ensino de milhares de crianças e adolescentes no mundo inteiro.

Assim como em alguns países, no Brasil, esse panorama se agrava pela imensa desigualdade social que evidencia ainda mais a diferença entre escolas da rede pública e privada. Por este motivo, é de suma importância ressaltar que este texto trata apenas de uma pequena amostra referente a escolas da rede privada, cujos alunos são oriundos de classes sociais alta/média, ou seja, as ferramentas tecnológicas e facilidades relatadas não retratam a realidade da maioria do Brasil. Dito isto, podemos refletir sobre as fragilidades tecnológicas, emocionais, afetivas, relacionais, dentre outros aspectos voltados para a subjetividade dos alunos e as dificuldades/facilidades metodológicas.

A partir do cenário relatado acima, surgiu um novo conceito, o ensino remoto emergencial (ERE), que embora seja confundido com o já conhecido Ensino a Distância (EaD) possui algumas diferenças significativas que precisam ser esclarecidas. No ensino remoto, ocorre uma adaptação curricular como possibilidade temporária para que as atividades educacionais continuem ocorrendo, devido às circunstâncias de crise; essa possibilidade envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas, que de outra forma seriam

ministradas presencialmente. Segundo Coqueiro e Sousa (2021) o ensino remoto é um conceito que surgiu como uma medida emergencial a partir da pandemia da Covid 19 diante da necessidade por alternativas remotas (virtuais) visando o prosseguimento das atividades educacionais. No EaD, segundo Rodrigues (2020), desde o planejamento até a execução de um curso ou de uma disciplina, há um modelo subjacente de educação que ampara as escolhas pedagógicas e organiza os processos de ensino e de aprendizagem. Ou seja, existem concepções teóricas, fundamentos metodológicos e especificidades que fundamentam e caracterizam essa modalidade.

Diante desse cenário, muitas escolas e professores se viram completamente despreparados e tendo que lidar com tecnologias que até então eram utilizadas de forma esporádica e não como ferramenta principal de ensino, o que gerou uma grande necessidade de oferta de formações complementares. Segundo Valente (*et al*, p. 05, 2020), é necessário investir também na formação permanente dos professores, pois cabe a eles uma prática docente centrada cada vez mais na lógica da investigação criativa e da pesquisa, tendo em vista as mudanças no contexto da educação no Brasil e no mundo.

Muitas escolas buscaram oferecer tais formações, mas por outro lado muitos professores se viram sobrecarregados com mais trabalho tendo em vista que precisavam se adaptar à nova realidade e aprender a lidar com ferramentas desconhecidas. Essa situação também gerou uma grande sobrecarga emocional nos professores, mostrou fragilidades no sistema educacional e, ao mesmo tempo, revelou aspectos como novas capacidades de reinvenção e diferentes possibilidades metodológicas quando existe o suporte necessário ofertado pela instituição de ensino.

Esse processo tem sido amplamente debatido e ainda se faz necessário, inclusive no ensino de música nas escolas de Educação Básica que, embora estejam no caminho, ainda têm um longo percurso a percorrer no sentido de melhorar as possibilidades tecnológicas para trabalhar com uma disciplina como a música, que possui suas particularidades, e é de fundamental importância nesse período pandêmico onde há a necessidade de ressignificar situações e expressar emoções.

Diante do exposto, buscamos compartilhar a seguir um pouco das nossas experiências com o ensino de música na tentativa não só de divulgar, mas de ressignificar essa experiência e trazê-la para o campo da reflexão buscando nos juntar a tantos outros

professores de música que enfrentam o desafio educar e contribuir com a formação humana de milhares de crianças e adolescentes por meio da música.

Uma experiência com o ensino de música em uma escola da rede privada de Brasília – DF¹

O interesse pelo tema deste texto está relacionado tanto a minha pesquisa de Doutorado cujo tema trata das *relações entre afetividade e cognição e suas influências na aprendizagem musical*, quanto a minha atuação como professora de música em uma escola da rede privada de Brasília - DF. Atuação esta que mudou de forma significativa após o início da pandemia da COVID-19, no ano de 2020, momento em que as aulas presenciais foram canceladas e, posteriormente, passaram a ser realizadas por meio de videoaulas previamente gravadas, em seguida no modo remoto emergencial e, por fim, no modo online e presencial, concomitantemente, como ocorre até os dias atuais (agosto de 2021).

Trago um breve relato acerca das minhas percepções e ações pedagógicas referentes às aulas ministradas para alunos do Ensino Fundamental I no colégio que atuo desde o ano de 2016. Trata-se de um tradicional colégio de ensino confessional localizado na cidade de Brasília - DF, cuja visão é investir na qualidade de ensino e ser referência em educação integrada, gerando responsabilidade social e conhecimento. O colégio oferta aulas de música para os alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental I. Estas aulas ocorrem semanalmente, possuem duração de 50 minutos e são de caráter obrigatório tendo em vista que ocorrem no mesmo turno das demais matérias.

Em decorrência da pandemia, as aulas de música passaram a ocorrer por meio de gravações de videoaulas com duração de 15 a 20 minutos e após aproximadamente seis ou sete semanas as aulas passaram a acontecer no modo remoto, onde começou o grande desafio de ensinar música por meio do Google Meet (plataforma utilizada pela escola para as aulas remotas). Para além dos desafios técnicos, logo após as primeiras semanas de aulas online comecei a observar uma mudança drástica na postura dos meus alunos, assim, crianças que eram extremamente participativas, extrovertidas e engajadas nas atividades passaram a se mostrar apáticas e desinteressadas. Esse aspecto me preocupou bastante e passei a me questionar em relação a dois aspectos principais. O primeiro dele estava

¹ Este trecho foi escrito em primeira pessoa pela primeira autora deste texto.

centrado em relação aos aspectos emocionais que as crianças estavam enfrentando neste momento tão atípico, e o segundo questionamento era o que eu como professora de música, poderia fazer para tentar modificar essas questões e tentar me (re)aproximar dos meus alunos que pareciam tão distantes e desinteressados.

O primeiro passo foi buscar o entendimento de que apenas trabalhar o conteúdo musical estipulado nos planejamentos não seria o suficiente para garantir a aprendizagem e a formação musical e humana das crianças, com isso, passei a tentar me aproximar da realidade das crianças tomando atitudes simples como perguntar como elas se sentiam em estar assistindo aula em casa, se elas tinham instrumentos musicais, se podiam utilizar algum objeto como meio de fazer música. Assim, nas aulas online, passamos a utilizar copos, colheres, panelas para criar uma percussão onde cada um podia escolher as músicas preferidas para tocar, fazer atividades que envolvessem o universo das crianças, reservar um momento da aula para conversar sobre o que elas mais gostavam de fazer, de ouvir, de assistir e buscar uma forma de escutá-las contemplando suas expectativas e frustrações por estarem passando por este momento delicado.

Essas mudanças foram ocorrendo ao longo do tempo com o objetivo de (re)construir os laços afetivos das crianças com a música, com os colegas, comigo e consigo mesmas, tendo em vista a quantidade de tempo que ficaram sem aulas de música online, em isolamento social e até com perdas familiares ou de pessoas próximas pela COVID-19, o que pode ter gerado impactos emocionais diversos nas crianças. Nesse sentido, a música pode se tornar um fator primordial por ter essa capacidade de nos envolver, em estágios diversos da nossa vida, tanto individualmente como em grupos, podendo evocar as emoções mais íntimas e ajudar a processar melhor o medo, a tristeza e o ressentimento (GOLDSTEIN, 1980).

Os relatos até aqui se tratavam das aulas no modo remoto, que duraram até o mês de setembro de 2020. Após um período de aproximadamente quatro meses de adaptação a estas aulas no modo remoto, iniciamos mais um processo de mudança: a volta parcial para o modo presencial, ou seja, parte dos alunos optou por continuar no modo remoto e outra parte por voltar presencialmente para a escola. Esta situação, que teve início em outubro de 2020 e permanece até os dias atuais, logo apresentou outros desafios que ainda estão sendo superados a cada dia. Esses desafios vão desde o comportamento dos alunos até as

dificuldades com as ferramentas tecnológicas que, ao longo deste ano foram atualizadas e melhoradas, mas ainda sem atender o foco da disciplina de música.

Além disso, com esse novo formato se tornou necessário lidar outros aspectos como manter o controle da turma na sala enquanto os alunos online se dispersam em suas casas; lidar com a nova presença de pais e responsáveis dentro do espaço da sala de aula virtual, que em muitos momentos deixaram de ter o papel de apoio e passaram a interferir na forma como as aulas acontecem, ou mesmo pais e responsáveis que não prestam qualquer suporte para as crianças durante as aulas, deixando-as completamente responsáveis para lidar com eventuais problemas técnicos do uso da ferramenta do Google Meet; fazer música coletivamente e unir essa prática com alunos online e presencial, tendo em vista o *delay* que impossibilita a produção e recepção do som ao mesmo tempo pelos alunos online; e estabelecer relações com alunos que não participam constantemente, nunca ligam a câmera e preferem manter a comunicação apenas pelo chat da plataforma.

Além das outras técnicas de aproximação já citadas ao longo do relato, a estratégia mais recente que tem surtido efeito no sentido de prender o interesse dos alunos tem sido elaborar diversos momentos de apreciação musical a partir de músicas escolhidas exclusivamente pelos alunos. Após ouvirmos alguns trechos de cada música, conversamos sobre os instrumentos, os estilos musicais, os tipos de vozes, ritmos e vários outros aspectos que podem surgir de cada música. Esse momento de apreciação/reflexão musical tem estado presente no início de cada aula e pude observar que ao longo do tempo cada vez mais alunos têm se mostrado interessados em participar deste momento de conversa e reflexão, dando sugestões de novas músicas, ligando o microfone e a câmera para dar suas opiniões, tirando dúvidas e se interessando pelos conteúdos musicais abordados.

Todas essas questões apresentadas não possuem respostas prontas ou receitas a serem seguidas, algumas delas ainda estão sendo discutidas junto a equipe de apoio escolar, e outras, acredito, não possuem solução imediata. Por este motivo, este relato não possui objetivo de sugerir soluções ou métodos a serem seguidos, mas apenas compartilhar experiências no intuito de nos juntar a outros professores de música que também estão passando por momentos de desafios em meio a esta nova realidade a qual ninguém estava preparado para enfrentar.

Ensino de música em uma escola da rede privada de Belo Horizonte – MG²

Sou professor de música há mais de 10 anos, tendo maior experiência em escolas privadas de educação básica. Atuante desde a educação infantil até o ensino fundamental (anos finais), por força deste destino, acompanho o crescimento dos alunos da infância à adolescência. Acabo assim, mesmo tendo uma carga horária semanal mínima de uma aula de 50 minutos, sendo beneficiado pela dádiva de contribuir em várias etapas do desenvolvimento dos alunos.

Neste relato, irei apresentar minha atuação nos atuais tempos de pandemia e ensino remoto emergencial, no 5º ano de uma instituição da qual trabalho como professor de música há mais de 8 anos. O colégio de Belo Horizonte, situado na região norte da cidade, tem tradição no ensino da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental desde 1991, quando começou oferecendo escolarização para crianças de 0 a 6 anos. Atualmente a escola estende-se ao ensino fundamental, agregando alunos de até 11 anos, porém já não conta mais com o berçário e o maternal 1.

De agosto de 2012 ao início de 2020, antes da paralisação para o novo ensino remoto, atuei, de modo presencial obviamente, em todos os segmentos que a escola oferece. A minha metodologia envolvia o ensino de musicalização através de métodos ativos de educação musical, a partir dos primeiros anos da educação infantil até o 1º ano, com a inserção da flauta doce no 2º ano. Os alunos mais velhos da instituição, a turma do 5º ano, também utilizavam a flauta doce nas aulas de música, porém não com o mesmo entusiasmo que nos primeiros anos de contato com o instrumento. Sempre pude perceber que existem outros interesses na pré-adolescência, faixa etária destes alunos quase egressos do fundamental 1, e que tais interesses podem interferir nas estratégias de ensino. Desde esta descoberta, logo nos primeiros anos de atuação, sempre diminuí o número de aulas de flauta doce do 5º ano, substituindo por temas escolhidos pelas turmas como: percussão corporal, aulas de improvisação de rap, beatbox, karaokê e formação de bandas.

Ao iniciarmos as aulas remotas, no final de março de 2020, os alunos do 5º ano se viram diante de uma nova rotina, com horários de aulas reduzidos de 50 minutos para 30 minutos, numa tentativa de expor menos os alunos a telas. Estávamos utilizando uma plataforma de reuniões virtuais que logo teve que ser substituída por problemas

² Este trecho foi escrito em primeira pessoa pelo segundo autor deste texto.

relacionados à segurança. Durante o ano, tivemos mudanças constantes na duração da aula que chegou a ter 50 minutos, sendo logo reduzido para 40 minutos. Este aumento no tamanho das aulas foi resultante de um constante acordo entre reivindicações de pais e/ou responsáveis de alunos e mediações da gestão escolar, numa forma de equilibrar as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria com as exigências da clientela.

Enfim, neste novo panorama de aulas remotas, dentre muitas adaptações para a implantação das aulas de música, posso citar algumas muito pertinentes: a falta de sincronização do áudio durante as aulas, o que impossibilitou a prática simultânea de música em grupo; a indisponibilidade de compartilhamento de instrumentos, obrigando a adaptação de estratégias como o uso de instrumentos musicais dos próprios alunos ou até mesmo utilização de objetos sonoros ressignificados musicalmente; o desligamento das câmeras e microfones individuais, criando a estranha sensação de ausência dos alunos; transmissividade limitada de áudio, que independente da conectividade da internet, não tem fidelidade com o áudio na sala acústica onde é produzido.

Manter a estratégia com os alunos, de dialogar com os interesses peculiares à faixa etária do 5º ano, em meio a todos esses entraves, pareceu ser uma tarefa impossível, pois qualquer conteúdo a ser explorado sofreria sérias adaptações, às quais tornariam as atividades muito menos fluidas e fruídas. Mesmo assim, optamos por vivenciar aulas voltadas para o rap, onde buscamos conhecer a métrica rítmica das poesias cantadas e rimadas até chegarmos à prática do improviso e à aula final, onde tivemos uma batalha entre os alunos.

Acredito que, diante de todos os empecilhos supracitados para a realização destas aulas, implantadas no 2º trimestre letivo de 2020, esta estratégia adaptativa no planejamento tenha despertado um interesse maior a esses alunos, fatigados pelo constante uso de flauta doce nas aulas. Além disso, as aulas com RAP trouxeram aos alunos oportunidade de terem contato com um conteúdo contextualizado aos seus interesses, onde pudessem cantar sem precisar serem afinados, e compor canções onde pudessem brincar com as palavras livremente de acordo com o próprio contexto.

A propósito, nesta fase o senso crítico já está bem elevado, e parecer “ridículo” na frente dos colegas pode ser uma experiência profundamente desconcertante e constrangedora. Um ótimo recurso neste sentido, foi o de criarem o constante hábito de desligar as câmeras quando se sentiam envergonhados. Ouvir esse aluno cantando rap no

modo presencial, seria algo certamente mais embaraçoso, pois, por mais que se escondessem, não teriam as mesmas condições de se expressarem tão naturalmente quanto num ambiente totalmente familiar, como o de suas próprias casas.

Os recursos digitais dispostos individualmente para cada aluno, puderam possibilitar, também, pesquisas rápidas no google sobre repertórios, escutas de rap, e composições, que iam sendo compartilhadas nas aulas, onde todos os alunos tinham a oportunidade de conhecer melhor um colega por suas preferências musicais e formas de compor, que puderam revelar muito sobre suas próprias personalidades. Isto, com certeza, contribuiu para fortalecer laços e desenvolver inteligências socioafetivas, além da vivência do conteúdo musical focado, mesmo num contexto de aulas remotas.

Reflexões comuns entre as duas práticas de ensino

Após uma reflexão sobre o presente trabalho, é possível perceber alguns pontos em comum entre as duas experiências apresentadas acima. Por exemplo, em ambos relatos é possível observar como, ao longo das atividades remotas, o conteúdo musical planejado deixou de estar em primeiro plano, pois devido à necessidade da situação imposta pelo modelo à distância, os professores se viram obrigados a desviarem o foco do olhar pedagógico para o contato, o compartilhar e para o estar junto.

Uma perspectiva semelhante é apresentada por Sampaio (2016) em relação ao contexto da musicoterapia, onde a música é vista como território para se chegar a um objetivo não necessariamente musical, o que se distingue da educação musical propriamente dita. Neste sentido, é possível perceber algo parecido nas adaptações pedagógicas por ambos estabelecidas. Nos dois casos a música deixou de ser um objeto (de estudo) e passou a ser um território no qual as pessoas se encontram, se relacionam ou interagem entre si.

Também foi possível perceber adaptações de conteúdo em busca de se aproximar da realidade dos alunos, tornando a aprendizagem musical mais significativa. Esta aproximação, só foi possível quando se buscou estabelecer uma conexão com as vivências e com a realidade dos alunos, tornando a prática mais interessante e significativa, isto é, fugindo da conceituação teórico-musical, intrínseca aos seus próprios materiais e propriedades, para uma conceituação mais voltada para a significação pessoal da música, intrínseca aos processos socioculturais envolvidos na sua construção (GREEN, 2012).

Essa opção por buscar uma aproximação com a realidade da criança, de certo modo, também está embasada em documentos legais que regem a educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), onde podemos identificar, dentro da disciplina de música, no objeto de conhecimento denominado “Contextos e Práticas”, a responsabilidade conferida aos educadores musicais em estimular a apreciação crítica de diversas formas de expressão musical, buscando sempre contextualizá-las e, sempre que possível, conectando com as experiências dos alunos. Assim, acreditamos que mais do que nunca, agora, durante este período de real necessidade de priorizar a humanização do ensino, existe a necessidade de enfatizar as relações intrapessoais e a afetividade, podendo-se dizer até que, estes aspectos merecem ser colocados em destaque em relação aos outros objetos de conhecimento do currículo.

Considerações finais

Toda a comunidade escolar está sendo duramente impactada pela pandemia, o que gerou um grande movimento na busca de novas formas de lidar com a crise atual e realizar adequações no ensino. Nesse sentido, o ensino remoto emergencial surgiu como forma de lidar com o momento de crise, colocando professores e alunos frente aos desafios de construir novas formas de ensinar, aprender e ressignificar suas práticas, o que nos trouxe a necessidade de refletir e compartilhar um pouco das nossas próprias experiências e tentativas de construir melhorias em nossas práticas cotidianas no ensino de música na escola de Educação Básica.

Assim, ao relatar nossas experiências, buscamos discutir algumas concepções acerca do ensino de música no modo remoto, bem como apresentar dois contextos de atuação distintos onde foi possível perceber a necessidade de uma maior aproximação com a realidade dos alunos e, conseqüentemente, uma adequação no modo de ensinar música para atender as necessidades do “novo normal”. Estas mudanças, que se iniciaram em decorrência da pandemia e que ainda se encontram em adaptação à realidade atual, nos convidam a buscar um olhar mais humanístico para o processo de aprendizagem e para a formação da criança, tentando repensar os modos de ensinar, de compreender e de vivenciar a música no ambiente escolar. Tais discussões não são uma novidade na área da Educação, ou mesmo na área da Educação Musical, mas tomam outra dimensão neste

cenário de pandemia onde passamos a nos questionar sobre o que é ou não essencial em nossas vidas. Assim, não é difícil perceber que em meio à crescente necessidade de olhar para a formação humana dos alunos, aspectos como aplicar conteúdos e melhorar o rendimento acadêmico se tornam secundários e dão espaço para aspectos como acolhimento e saúde emocional dos alunos.

Vale ressaltar ainda que, acreditamos que nada substitui a convivência social que a aula presencial proporciona, mas é preciso zelar pela vida em primeiro lugar e buscar sempre aprender, refletir e experimentar. Logo, neste contexto de pandemia, faz-se necessário utilizar e desenvolver estratégias de ensino e de aprendizagem da música com vistas a minimizar o prejuízo no ensino, usando as tecnologias disponíveis de forma criativa e inovadora, na esperança de que, ao atravessarmos este desafio, nos encontraremos mais fortes e mais preparados para lutar cada vez mais por uma educação de qualidade para todos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

COQUEIRO, Naiara Porto; SOUSA, Erivan Coqueiro. A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.7, p. 66061-66075 jul. 2021

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*. Londrina, v.20, n.27, p.117-130, jan-jun. 2012.

GOLDSTEIN, A. Thrills in response to music and other stimuli. *Physiological Psychology*. v. 8, n. 1. 1980, 126-129.

SAMPAIO, Renato. Um estudo preliminar sobre a construção da comunicação musical em Musicoterapia. XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. *Anais...* Goiânia, Sociedade Goiana de Musicoterapia, 2006.

VALENTE, Geilsa S. C. *et al.* O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: reflexões sobre a prática docente. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, 2020.